

IDENTIDADE MUSICAL NA IMPRENSA BRASILEIRA: COMO FAZER UM JORNALISMO CULTURAL QUE ATENDE ÀS DEMANDAS DA MODERNIDADE

Gabriella Cardoso Franco (IC) e Carlos Eduardo Sandano Santos (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a explorar os conceitos de hibridação desenvolvidos por Néstor García Canclini na obra *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (2006), articulando-os com as ideias apresentadas pela autora Cremilda Medina a respeito do “diálogo dos afetos” na prática jornalística, a fim de discutir a produção de narrativas no jornalismo cultural brasileiro contemporâneo e os símbolos por elas criados. Traçando um histórico das concepções de “identidade” no Brasil, intimamente ligadas com a história da música, o artigo aborda os meios dos quais o jornalismo se apropria para retratar a cultura do país, em especial a música. Partindo da análise de duas peças jornalísticas e dos conceitos dos autores mencionados, pretende-se gerar reflexão e discussão sobre as ferramentas que os jornalistas têm a seu dispor para produzir narrativas culturais com mais aprofundamento e complexidade, e sobre o impacto que essas histórias têm em nossa visão de mundo.

Palavras-chave: Jornalismo; Cultura; Identidade

ABSTRACT

This research study aims to explore the concepts of hybridization developed by Néstor García Canclini in *Hybrid Cultures: Strategies for Entering and Leaving Modernity* (2006), articulating them with the ideas presented by the author Cremilda Medina regarding the “dialogue of affections” in journalistic practice, with a view to discuss the creation of narratives in contemporary Brazilian cultural journalism and the symbols they create. Tracing a history of the notions around “identity” in Brazil, closely linked to the history of music, the article addresses the means adopted by journalism to portray the country's culture, especially its music. Based on the analysis of two journalistic pieces and the concepts of the mentioned authors, the intent is provoking reflection and discussion around the tools that journalists have at their disposal to conceive cultural narratives with greater depth and complexity, and the impact that these stories have on our worldview.

Keywords: Journalism; Culture; Identity

1. INTRODUÇÃO

O antropólogo argentino Néstor García Canclini, estudioso da área de comunicação, sociologia e cultura na América Latina, propõe que o estudo da cultura atravessa questões caracterizadas por ele como “discretas”. Estas seriam, de acordo com a definição de “discreto” dentro da ciência, questões com valores distintos que não têm intermediários entre si. As questões discretas, diferentemente das contínuas, podem ser enumeradas e têm um número limitado de valores.

Em sua obra *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, Canclini argumenta que as culturas são resultado de processos de hibridação sedimentados nos séculos (2006, p. XIX), condicionados por estas questões “discretas”. Ou seja, fatores enumeráveis e finitos, podendo ser econômicos, sociais e políticos. O objeto de estudo de interesse para o autor não é a hibridação em si, mas os processos de hibridação, que, segundo ele, unem “estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada”, gerando novas estruturas, objetos e práticas. Segundo a metodologia de Canclini, a compreensão das identidades requer um estudo destes processos. O autor afirma também que

“Quando se define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram. Como consequência, é absolutizado um modo de entender a identidade e são rejeitadas maneiras heterodoxas de falar a língua, fazer música ou interpretar as tradições. Acaba-se, em suma, obturando a possibilidade de modificar a cultura e a política” (Canclini, 2006, p. XXIII).

No Brasil, um país altamente miscigenado, a ideia de uma “identidade” da nação é turva. Ao mesmo tempo, a própria “mistura” é uma forma de nos posicionarmos diante do resto do mundo. Temos na base de nossa história a colonização de povos nativos e a escravidão, com sequelas que se fazem presentes nas estruturas políticas, econômicas e culturais até hoje. Em seu livro *A integração do negro na sociedade de classes*, o sociólogo Florestan Fernandes nota que após a abolição da escravidão, em 1888, por exemplo, o cidadão negro não deixou de ser marginalizado socialmente. Pelo contrário, se viu efetivamente abandonado pelas instituições no processo de integração social.



“A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que se cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, a Igreja ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel” (Fernandes, 2008, p. 28).

Essa espoliação se manteve viva na forma da discriminação e racismo. Nos primeiros anos de República no Brasil, com a escravidão recém-abolida, as discussões sobre raça e identidade nacional estavam no centro da agenda político-cultural do país (Silva, 2012, p. 6). Intelectuais como Monteiro Lobato bebiam de uma fonte eugenista para problematizar a formação antropológica do país, em nome de maior “homogeneidade” e “higienização” dos laços sociais. Para estes eugenistas, a miscigenação era causadora de uma série de “degenerações” civilizatórias da população, e deveria ser evitada. O racismo se exacerbou nesses anos, porque havia se tornado a única forma de justificar a discriminação entre pessoas que eram igualmente “livres” perante a lei.

Referência da teoria eugenista no Brasil, o sociólogo Oliveira Vianna defendia, por exemplo, que os negros e indígenas do Brasil não possuíam a mesma identidade de temperamento e mentalidade que os portugueses, o que os tornava menos “civilizados” (Vianna, 1938, p. 53). Por isso, considerava que esse grupo de pessoas não havia contribuído, durante a formação social do Brasil, com nenhum elemento de valor às “classes superiores”. A “obra da civilização e construção” era, a seu ver, mérito dos portugueses (p. 263).

Essa segregação se traduziu no próprio espaço urbano, porque influenciou a criação de políticas de Estado e determinou quem ocupava cada espaço de uma cidade. A segregação socioespacial garantia que “limites” não fossem ultrapassados. Esses “espaços” não eram apenas geográficos, mas sociais, econômicos e culturais. A imprensa, por exemplo, configura um deles, na qual ideias eram repercutidas, registradas ou contestadas.



A imprensa teve importante papel não só de denunciar e registrar as transformações sociais e culturais, mas provocá-las. Figura central no movimento abolicionista brasileiro, Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) colaborou com uma série de jornais em São Paulo e no Rio de Janeiro, como a Gazeta do Povo e o Correio Paulistano. Homem negro, filho de uma escrava liberta e um português, Gama era estudioso do direito e tinha voz jornalística poderosa, usando de seu espaço em jornais influentes para fomentar argumentações contra a escravidão. A partir destas publicações e de seus aprofundados estudos sobre a lei vigente, o abolicionista conseguiu alforriar centenas de escravizados.

De acordo com a pesquisadora e professora da Unesp Ligia Fonseca Ferreira, Luiz Gama “era um formador de opinião com inteligência. [...] Em seus textos, existe um diálogo crítico instaurado” (Veiga, 2024). É relevante mencionar que, além de jornalista, Luiz Gama foi também poeta, se apropriando da linguagem artística para transmitir suas ideias sobre cultura e sociedade.

Fazendo um panorama da imprensa negra no Brasil desde a abolição, uma matéria do jornal Estado de Minas avalia que “as publicações da imprensa negra entram em cena para cultivar e colher um mercado de opiniões sobre temas sensíveis para a coletividade negra, como racismo e raça, o lazer e a cultura, os valores morais do trabalho, a noção de nação, os entendimentos sobre cidadania, os repertórios de urbanidade e respeitabilidade.” (Lopes, 2022). Essas publicações batiam de frente com os jornais da imprensa hegemônica, em que a população negra era comumente retratada por um viés racializado, que “conformava visões de mundo excludentes, hierárquicas ou estereotipadas” (Lopes, 2022).

Olhando em retrospecto para estes momentos do jornalismo, e refletindo sobre o reporte social que representam, esta pesquisa busca responder à seguinte pergunta: no contexto da modernidade, de quais estruturas narrativas o jornalismo pode se apropriar para retratar mais fielmente a identidade cultural do Brasil e, assim, provocar mudanças sociais, culturais e políticas?

Para fins de ampliar esta discussão, proponho a análise de duas peças jornalísticas, lançando mão de conceitos defendidos pelo autor Nestor García Canclini e as ideias de positivismo apresentadas pela jornalista Cremilda Medina.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Música e identidade no Brasil

O texto *Música "erudita", "folclórica" e "popular" do Brasil: Interações e inferências para a musicologia e etnomusicologia modernas* explica que, até os anos 50, os estudiosos no Brasil se empenharam em escrever sobre a música folclórica brasileira, resultando em obras como *A música no Brasil* (1908), de Guilherme de Melo, e *História da música brasileira* (1942), de Renato Almeida. No entanto, ao longo das décadas seguintes, a música chamada de “erudita”, ou seja, de influências neo-europeias, passou a ser o enfoque exclusivo das pesquisas e livros (Béhague, 1998, p. 59).

“Quando muito, essas histórias mencionam de forma bastante imprecisa as influências indígenas e africanas, dando maior valor à tradição neo-europeia desenvolvida no Brasil desde a colônia. A música popular urbana que toma corpo desde meados do século XIX aproximadamente, não entra nessas histórias, por ser considerada como produto comercial de valor limitado e de vida efêmera” (Béhague, 1998, p. 59).

A divisão entre música “popular” e música “erudita” ditava que a primeira pertencia aos grupos urbanos e mestiços, e a segunda aos grupos dominantes da elite urbana. O autor argumenta que o principal problema com este tipo de classificação é que “a estratificação social não é fixa e estável e a identidade sócio-cultural e étnica varia consideravelmente em tempo e espaço, de acordo com os vários contextos em que é negociada e com que objetivos específicos.” (Béhague, 1998, p. 61). A música clássica, por exemplo, se beneficia e se beneficiou, historicamente, de escolhas envolvidas na prática musical popular, e vice-versa.



Considerando aquilo que argumentou Canclini em *Culturas Híbridas*, nota-se que há, neste caso, uma abstração das influências mútuas entre a música popular e erudita, e da série de questões discretas que, ao longo da história, as misturaram. Fatores como este criam ruído na discussão sobre identidade, que, como perfeitamente apontado pelo historiador Richard Morse no ensaio *Latin America since 1930: Ideas, Culture, and Society*, vol. 10, *The Cambridge History of Latin America*, não é “o ‘caráter nacional’ diagnosticado por uma socio-psiquiatria desligada (ou neutra) mas por uma consciência coletiva de vocação (escolha) histórica”. O autor enfatiza a diferença entre a realidade e a identidade de um país. Enquanto a primeira começa no ambiente, a segunda começa com o “tácito auto-reconhecimento” (Morse, 1995, p. 1).

Essa diferenciação é importante para entender como a chegada da modernidade acontece no Brasil. Enquanto entre os anos 1910 e 1930 existia uma problematização da miscigenação no país, durante o Estado Novo esse mesmo aspecto serviu como base para a construção de uma imagem, ou melhor, de uma identidade nacional. Instituiu-se a ideia de que o Brasil era uma nação igualitária, onde negro e branco eram tratados da mesma forma. Ofuscava-se os antagonismos de classe, criando uma espécie de unidade nacional a fim de endossar essa ideia no exterior (Bonfim, 2013, p. 27).

2.2 Híbridões

Ainda que não se possa dizer que todos os estilos musicais exerceram, historicamente, papéis semelhantes na sociedade brasileira, é inegável a interação entre estes estilos. Usemos como exemplo o músico Heitor Villa-Lobos, considerado o primeiro a dar passos mais radicais em sua obra, no sentido de “ultrapassar certas convenções formais do Romantismo musical europeu” (Salles, 2017, p. 68), valorizando, como muitos modernistas, a cultura popular brasileira.

Villa-Lobos era compositor de um gênero musical que, de acordo com os graus de dignidade de Leonard Ratner, pertencia a um estilo “alto” ou “elevado”. Isso quer dizer que era o estilo de música aceito pelas elites, compreendendo ópera, música sinfônica, música para piano, música de câmara e tudo aquilo que é bem recebido em salas de concerto (Salles, 2017, p. 72). Esses tipos musicais assumiram tal posição na

hierarquia porque foram importados de países europeus durante uma época em que se propunha o branqueamento da população brasileira como forma de modificar a situação “atrasada” do país.

No entanto, Villa Lobos fazia em suas composições uma série de escolhas estruturais típicas da música moderna do século XX (Salles, 2017, p. 76). Predomina em sua obra, por exemplo, a modinha, que é um gênero originário da língua portuguesa erudita. Estudos sobre sua origem apontam, porém, que ela está profundamente associada ao lundu, que por sua vez é um descendente direto do batuque africano. Estes dois estilos conviveram tão intimamente na sociedade brasileira que se tornaram praticamente indissociáveis (Araújo, 1963, p. 11).

Retomo aqui a figura de Luiz Gama, cuja única obra literária lançada, *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*, contém poema-canção intitulado “Uma orquestra”. O texto descreve uma performance de lundu, e retrata a marginalização do estilo musical durante o século XIX, em sua situação de música afro-brasileira influenciada por concepções estéticas europeias.

Em sua obra, Nestor García Canclini argumenta que, no contexto da modernidade, esta fluidez das identidades socioculturais se dá graças à globalização acelerada. O antropólogo discute que “Em um mundo tão fluidamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se reestruturam em meio a conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais” (Canclini, 2006, p. XXIII).

Hoje, a abstração da identidade cultural trazida por Canclini é intensificada graças ao que o autor chama de “ambivalências da industrialização e da massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder que suscitam.” A definição de “culto” se transforma conforme interage com gostos populares, e com o padrão industrial de produção e circulação de bens simbólicos (Canclini, 2006, p. 63).

A modernidade tratada por Canclini como uma “máscara”, um “simulacro” nutrido pelas elites e pelos aparelhos estatais, e que em sua concepção não contemplou

parcelas enormes da sociedade brasileira, é reformulada no pós-modernismo, que resgata o que foi perdido nessas cisões (Canclini, 2006, p. 28).

3. ANÁLISE

A mídia atua como uma das ferramentas de “tradução” das hibridações e das diversidades, essencial na compreensão dos processos simbólicos que se desenrolam em sociedade. Com efeito, desde a chegada da modernidade, a responsabilidade de direcionar as mensagens massivas geradas pela indústria cultural, que tem grande papel na construção de uma identidade nacional (Canclini, 2006, p. 21), é dos profissionais de comunicação. E como administrar essa responsabilidade?

Em sua obra *Ciência e Jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*, Cremilda Medina discute os efeitos do positivismo no jornalismo brasileiro. A autora argumenta que os princípios que conduzem o fazer jornalístico, que ela chama de “operação simbólica”, espelham uma concepção de mundo positivista. Dentre eles, são priorizados

“a noção de real e a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da inviabilidade das leis naturais; a ênfase na utilidade pública dos serviços informativos; o tom afirmativo perante os fatos jornalísticos; a busca obsessiva pela precisão dos dados como valor de mercado; a fuga das abstrações; a delimitação de fatos determinados” (Medina, 2008, p. 25).

Apesar de sedutora por sua objetividade, tal relação de prioridades não condiz com as demandas trazidas com a pós-modernidade. A globalização e os processos de hibridação tornam ainda mais difícil a tarefa de diagnosticar ou delimitar fatos com tamanha assertividade, pelo menos no campo cultural. A operação simbólica fica débil. Isso porque a cultura do pós-modernismo, marcada pela mistura entre o popular e o erudito, não permite uma divisão cirúrgica entre “culto” e “inculto”. Os processos de massificação deram conta de transformar estes dois conceitos, constantemente sendo atualizados e substituídos.

Em seu livro *A pauta é uma arma de combate*, a jornalista Fabiana Moraes defende o que denomina de uma “abordagem complexificada” dos fatos cotidianos, que,

a meu ver, fortalecem essa operação simbólica. Para ela, um jornalismo que prioriza a “objetividade” e a agilidade corrobora com a perpetuação dos estigmas.

“Este jornalismo, que sempre se apresentou como acima das paixões, desinteressado e neutro, faz parte de um projeto bem realizado e articulado, responsável pela estigmatização de pessoas e grupos e, conseqüentemente, por seus apagamentos” (Moraes, 2022, p. 21).

Para trazer materialidade à discussão, se faz necessária uma análise daquilo que o jornalismo brasileiro vem produzindo no campo cultural. Para isso, me basearei em conceitos defendidos pelo autor Nestor García Canclini e pela jornalista Cremilda Medina.

A matéria *Maestro da Orquestra Heliópolis enaltece show no The Town: 'Juventude da periferia protagonista'*, publicada pelo GShow¹ em setembro de 2023, trata de uma apresentação do grupo Racionais MCs com a Orquestra Sinfônica de Heliópolis no festival The Town, em São Paulo, no mesmo ano. A linha fina constata “Uma das idealizadoras do festival, Roberta Medina vê São Paulo como lugar ideal para show que unirá Racionais MCs e artistas regidos por Edilson Ventureli”. As fontes consultadas para a matéria são o maestro da OSH, Edilson Venturelli, e a vice-presidente da Rock World, empresa responsável pelo festival, Roberta Medina.

Os elementos observados enfatizam a importância do evento e dos idealizadores por unir estes dois grupos diante de um público grande e “trazer conversas relevantes.” São usadas falas como

Existem espaços de escuta, nos quais um evento dessa dimensão pode reverberar uma necessidade da sociedade e trazer conversas relevantes. Diferentemente de muitas cidades, São Paulo é muito plural. Quem é de fora olha essa cidade de baixo para cima, soberana, mas uma constatação muito legal é que ela não olha as pessoas dessa forma, São Paulo acolhe (Cesar, 2023).

No entanto, a escolha por priorizar as figuras do maestro e da empresária, não só como fontes, mas na própria manchete e linha fina, os separa dos principais personagens da história: os músicos e seus elementos culturais. A narrativa acaba por reproduzir uma

¹ <https://gshow.globo.com/tudo-mais/the-town/noticia/maestro-da-orquestra-heliopolis-enaltece-show-no-the-town-juventude-da-periferia-protagonista.ghtml>

distinção semelhante àquela descrita por Canclini como um “divórcio” entre as elites e o povo (Canclini, 2006, p.). Não fica claro para o leitor que é a própria hibridização da cultura e sua origem que estimula a criação artística dos jovens. O elemento cultural perde espaço para uma lógica produtiva no jornalismo que dita as funções “essenciais” da reportagem, e quais são as informações que ela deveria enfatizar.

Observemos o cenário abordado pela matéria: uma orquestra composta por jovens de Heliópolis se apresenta em um dos maiores festivais de música de São Paulo, junto a outro grupo periférico, os Racionais MCs. A cidade de São Paulo é tida como “vetor” para essa mistura cultural, onde dois grupos periféricos se encontram com público de classe média alta em um festival voltado a esse público. Vale ressaltar nesse ponto a ideia de Canclini sobre o papel da indústria cultural a partir da segunda metade do século XX. Ele diz que “a socialização ou democratização da cultura foi realizada pelas indústrias culturais – em pouco quase sempre de empresas privadas – mais que pela boa vontade cultural ou política dos produtores” (Canclini, 2006, p. 97). No âmbito do jornalismo, é interessante avaliar se a forma como escrevemos reforça ou refuta essa hierarquia. A menção aos músicos tem significado próprio, visa aproximá-los do leitor, ou funciona apenas para sustentar a ideia de que “São Paulo é uma cidade que acolhe”?

Retomando os conceitos de Cremilda Medina, o texto denota uma atitude afirmativa diante do fato jornalístico, uma necessidade de delimitar o espaço dos artistas no ambiente elitista de um festival de música em São Paulo. Trata-se de uma metodologia tradicional no jornalismo de entrevistar “autoridades” para dar credibilidade ao que está sendo noticiado. É preciso que a importância da apresentação seja confirmada por uma empresária, legitimando a presença dos artistas naquele local.

Em uma outra leitura do mesmo evento, a Agência Mural² publicou a matéria *The Town: Quem são os jovens de Heliópolis que vão se apresentar ao lado dos Racionais*, da jornalista Isabela do Carmo, que entrevista um grupo de jovens músicos da Orquestra Sinfônica de Heliópolis. A eles, são feitas perguntas similares às aquelas feitas a Roberta Medina e Edilson Venturelli na matéria do GShow, acerca de suas expectativas para o evento, a preparação de cada um e a importância do encontro entre

² <https://agenciamural.org.br/the-town-jovens-de-heliopolis-racionais/>

os dois grupos. No entanto, dessa vez entramos em contato com temas do cotidiano dos jovens e o caminho que trilharam para chegar à apresentação no The Town. Estes sujeitos encontram espaço no texto para contar, de forma individual, suas histórias, e o resultado é uma narrativa aprofundada que atravessa a vida de todos.

A reportagem se inicia com a apresentação de um personagem: “Matheus Alves Firmino, 19, é morador de Heliópolis, na zona sul de São Paulo, e violinista na OSH (Orquestra Sinfônica de Heliópolis) e está ansioso para sábado (2)” (do Carmo, 2023). O texto segue com um relato do jovem sobre o início de seu contato com o violino em um projeto social, o Instituto Baccarelli. Matheus compartilha também o difícil momento que viveu durante a pandemia, quando se viu obrigado a escolher entre trabalhar para ajudar a família ou seguir seu sonho na música.

A escolha por abrir o texto com uma história real denota um olhar mais complexificado do fato, uma tentativa que tem o resultado simbólico de evidenciar o protagonismo social onde ele era imperceptível (Medina, 2008, p. 29). Essa escolha se repete por todo o texto, que costura os relatos de diferentes pessoas, embasando neles uma análise mais aprofundada sobre o evento como um todo. Vislumbrando fragmentos dessas realidades, podendo visualizar o rosto dos jovens músicos, o leitor cria uma empatia e uma identificação com o “outro”.

Destaco aqui a fala de outro entrevistado, Matheus Murielha, contrabaixista da OSH: “Já conheci muita gente extremamente talentosa que desistiu porque não tinha condição financeira de ficar pegando trem e ônibus todos os dias para participar de ensaio”, conta (do Carmo, 2023). A importância de se ter observações como essa na reportagem está relacionada com a criação de novos modos de entender a cultura do personagem. O resultado que se obtém com essa voz autoral, em oposição à voz do jornalista dizendo as mesmas coisas, é que se atesta a realidade de quem vive.

E qual a relevância disso para a interpretação do leitor? A resposta está relacionada com a construção de novos entendimentos sobre as culturas e modos de vida existentes no país.



O signo da relação, conceito cunhado pela jornalista Cremilda Medina, significa a produção de sentidos perante os acontecimentos da realidade que nos cerca. Essa produção é mediada pelo profissional da comunicação, que “tem diante de si a responsabilidade autoral de criar, renovar ou simplesmente administrar os significados dessa realidade vocalizados ou não por fontes de informação” (Medina, 2006, p. 22). As palavras são ferramentas responsáveis por esse “trânsito” entre a realidade factual e a realidade simbólica, que é o processo criador das narrativas da contemporaneidade.

As duas reportagens abordam o mesmo tema, porém o exploram de formas totalmente distintas. Enquanto a primeira notícia o evento e brevemente trata de sua “importância”, trazendo de forma bastante superficial o elemento cultural, a segunda evidencia a influência mútua entre este elemento e a vida dos personagens, colocando-os no centro da narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo de globalização acelerada descrito por Canclini, o jornalista vive a complexificada responsabilidade de mediar as interações entre informação e público. Reflexo disso, o ambiente profissional é caracterizado pela sobrecarga de trabalho, precarização dos postos e uma corrida contra o tempo. Uma abordagem tradicional, de origem positivista, é sedutora diante dessa realidade, pois “simplifica”, de muitas formas, a produção. É uma tarefa desafiadora falar sobre subjetividade no exercício cotidiano do jornalismo profissional.

Devemos trabalhar em direção a um jornalismo que, como procedimento metodológico, nos ajude a tornar o mundo moderno mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças (Canclini, 2006, p. XXXIX), acompanhando as constantes transformações tecnológicas, sociais e políticas. Mas como fazê-lo?

Em uma tentativa de responder a essa questão, a jornalista Cremilda Medina defende, em entrevista à revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), que, para a produção da reportagem – ou seja, uma narrativa resultante de uma mediação social –, são necessários autores preparados “para lidar com o real com equipamento técnico

eficiente, sensibilidade dialógica [...] e narrativa inovadora” (Costa, 2014). Para ela, o elemento decisivo para a prática jornalística, independentemente do meio em que ela se materializa, é o diálogo do repórter com a realidade. E essa interação depende do que ela chama de “sensibilidade dialógica”

Considerando as reflexões trazidas anteriormente a respeito da herança positivista no jornalismo, diria que atingir este diálogo passa por um escape das relações de causa e consequência que ditam o ritmo de trabalho jornalístico. O diálogo, seja ele literal, como em uma entrevista, ou subjetivo, em uma simples interação, se desenvolve melhor quando não se presume um resultado ou outro, e assim revela elementos ocultos.

Provocada pela mesma inquietação, Cremilda Medina propõe a “interação social criadora” como uma conduta jornalística que solucionaria o abismo entre a realidade factual e a realidade simbólica. Essa abordagem requer do jornalista a criação de um ambiente convidativo e consciente – de si e do seu público – para que se possa, com responsabilidade, mediar os múltiplos sentidos e múltiplas vozes que expressam o conflito das versões. Pois são essas as narrativas capazes de trazer interpretações que assinalam erros de perspectiva no entendimento dos contextos históricos.

É necessário fazer aquilo que os cursos de comunicação ensinam como “sair de si mesmo”, e que consiste na criação de uma narrativa de escuta profunda, de um rico repertório cultural, e em uma atuação baseada em noções complexas e sensíveis (Costa, 2014). Na prática, isso é feito por meio de uma constante busca por protagonismos ocultos.

Na busca por um novo modelo que comporte as complexidades modernas, talvez o caminho a se seguir seja o contracaminho. Nos questionar, como jornalistas, a respeito dos nossos modos de produção, e se estes podem estar suprimindo nossa intuição individual, nossa subjetividade. Qualquer cobertura jornalística se beneficiaria de um olhar mais profundamente cultural, sendo ela uma cobertura cultural, sobre arte e música, ou uma cobertura política, econômica e social. O resultado da implementação deste olhar é uma sociedade mais traduzível, na qual as coisas não acontecem de forma isolada, mas estão intimamente conectadas – pela cultura.

5. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. **A modinha e o lundu no século XVIII**. São Paulo: Ricordi Brasileira, 1963.

BÉHAGUE, G. **Música "erudita", "folclórica" e "popular" do Brasil: Interações e inferências para a musicologia e etnomusicologia modernas**. Revista de Música Latinoamericana, v. 27, n. 1, p. 57-68, 2006. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4121696>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BONFIM, P. R. **A educação no movimento eugênico brasileiro**. 2013. Projeto de mestrado em Educação - Universidade São Francisco, Itatiba, 2013. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/1797223016470645.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARMO, I. D. **The Town: Quem são os jovens de Heliópolis que vão se apresentar ao lado dos Racionais**. Agência Mural, São Paulo, ago. 2023. Disponível em: <<https://agenciamural.org.br/the-town-jovens-de-heliopolis-rationais/>>. Acesso em: 27 jul. 2024.

CESAR, E. A. **Maestro da Orquestra Heliópolis enaltece show no The Town: 'Juventude da periferia protagonista'**. GShow, São Paulo, set. 2023. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/tudo-mais/the-town/noticia/maestro-da-orquestra-heliopolis-enaltece-show-no-the-town-juventude-da-periferia-protagonista.ghtml>>. Acesso em: 22 mai. 2024.

COSTA, A. **O jornalista-autor e a mediação do real — Para além de novas ou velhas gramáticas**. Revista do Instituto Humanitas Unidos On-Line, 30 jun. 2014. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5574-cremilda-medina>>. Acesso em: 7 ago. 2024.

DA CRUZ, M. K. **Ditadura dos “bem-nascidos”: Necro-política urbana, eugenia e autoritarismo no Brasil**. Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos, Goiânia, Brasil, v. 8, n. 1, 19 páginas, 2022. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/9217>>. Acesso em: 16 fev. 2024.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes** (1º vol.). São Paulo: Globo, 2008.



LOPES, J.P. **Um panorama da imprensa negra do Brasil pós-abolição até os dias de hoje.** Estado de Minas [online], 18 fev. 2022. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/02/18/interna_pensar,1345862/um-panorama-da-imprensa-negra-do-brasil-pos-abolicao-ate-os-dias-de-hoje.shtml#:~:text=Quando%20a%20aboli%C3%A7%C3%A3o%20veio%2C%20em,na%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20opini%C3%A3o%20p%C3%BAblica>. Acesso em: 6 ago. 2024.

MEDINA, C. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos.** São Paulo: Summus, 2008.

MORSE, R. **Latin America since 1930: Ideas, Culture, and Society, vol. 10, The Cambridge History of Latin America.** Cambridge University Press, 1995.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza.** Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

SALLES, P. T. **Villa-Lobos e sua brasilidade: Uma abordagem a partir da teoria das marcações (markedness) de Hatten.** Revista Portuguesa de Musicologia, v. 4, nº 1, p. 67-82, 2017. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002867778.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2024.

SILVA, M. L. **Miscigenação e Biopolítica no Brasil.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Rio Grande, v. 4, nº 8, p. 192-210, 2012.

VEIGA, E. **Quem foi Luiz Gama, figura-chave no movimento abolicionista brasileiro.** BBC News Brasil [online], Bled, Eslovênia, 13 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1wxx9e735o>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VIANNA, O. **Raça e Assimilação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

Contatos: gabriellacardosofranco@gmail.com e carlosetuardo.santos@mackenzie.br